

# Crise econômica não poupa sequer santos e orixás

LIANA MELO

Nem os santos escapam da crise econômica no Brasil. Eles, que por estas terras se habituaram a receber águas de cheiro no romper do ano, "entregas" generosas com direito a galinhas parrudas, champanhe, flores de primeira linha e esvoaçantes cortes de tecidos, agora andam vivendo tempos bicudos. Parece até que muita gente já não leva fé no mercado de artigos religiosos. As vendas estão despencando e até tradicionais fabricantes de defumadores estão sendo obrigados a copiar uma estratégia bastante comum entre as grandes empresas, em períodos de recessão: exportar.

A Defumadores Sabate, em Vila Valqueire, aumentou de 30% para 50% suas vendas de defumadores Indiano, Sete Linhas, Abre Caminho e Mau Olhado para o Canadá, Alemanha, Portugal e Espanha. Mas isso não quer dizer que o número de fiéis no Brasil esteja caindo. Apenas os devotos estão com um poder aquisitivo tão baixo que as velas, defumadores, terços e gamelas viraram artigos de luxo.

— Ainda é verdade que, em tempos de crise, a fé aumenta, mas a atual está tão profunda que os artigos religiosos estão com suas vendas comprometidas — afirmou Natan Berger, Presidente das Indústrias Reunidas Don Dentes. Segundo ele, os consumidores já não têm mais poder aquisitivo para iluminar seus caminhos.

Até o consumo de velas vem despencando. A Don Dentes, por exemplo, que tem capacidade para produzir 300 milhões de unidades/ano, teve que reduzir sua produção na fábrica do Limão, em São Paulo, para 240 milhões de unidades este ano.

O mercado de artigos religiosos está possuído pelo fenômeno do **down-trading** (troca de produtos mais caros por mais baratos), indicando uma era quase apocalíptica: as oferendas mais generosas vem sendo substituídas pelas mais baratas e até a antiga vela de Sete Dias — que depois da criação do Código de Defesa do Consumidor mudou de nome para Votiva, por durar apenas seis dias — está abrindo caminho para as velinhas tipo lamparina. Não por acaso. Uma vela Votiva está custando Cr\$ 400, contra os Cr\$ 40 cobrados por uma vela em miniatura.

O mesmo ocorre com as guias do Candomblé e da Umbanda, usadas pelos filhos e pais-de-santo, que em lugar das várias voltas estão sendo substituídas por colares de uma única volta. As quartinhas de Oxalá — vasilhas de cerâmica para dar água aos orixás — também vêm encolhendo: as lojas só vendem as pequenas, mais baratas. E a Amalá — comida dos santos — perderam a fatura: viraram simples agradinhos, já que um pacote de camarão seco, por exemplo, está custando Cr\$ 800 e meio quilo de quiabo, Cr\$ 400. Até os tradicionais frangos de macumba já sumiram das esquinas das ruas da Cidade.